

deus-dará



Alexandra
Lucas Coelho



DEUS - DARÁ

Alexandra
Lucas Coelho

deus-dará

*

SETE DIAS NA VIDA DE
SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO,
OU O APOCALIPSE SEGUNDO
LUCAS, JUDITE, ZACA,
TRISTÃO, INÊS, GABRIEL & NOÉ

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVI

© 2016, Alexandra Lucas Coelho
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Deus-dará*
Autor: Alexandra Lucas Coelho
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Novembro de 2016

ISBN 978-989-671-346-1
Depósito Legal n.º 415 831/16

Aos amigos, pela cidade

*Para Paula Rabello e Miguel Sayad
com Preta e Bela a cada trovão*

Para Daniela Moreau

Para Maria Mendes

índice

I

PRIMEIRO DIA	15
SEGUNDO DIA	73
TERCEIRO DIA	123

II

QUARTO DIA	209
QUINTO DIA	271
SEXTO DIA	355

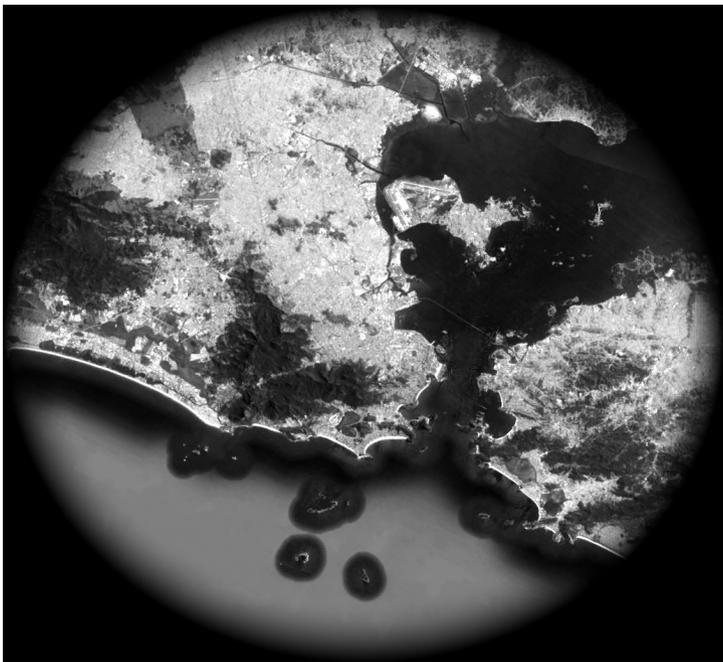
III

SÉTIMO DIA	423
------------	-----

AGRADECIMENTOS	553
----------------	-----

BIBLIOGRAFIA	557
--------------	-----

NOTA BIOGRÁFICA	565
-----------------	-----



*Nossos maiores conheciam desde sempre o grande lago que os brancos
atravessaram. Costumavam fazer dançar sua imagem com as dos seres
da tempestade e dos redemoinhos que o povoam. De modo que já
falavam dos brancos muito antes de eles nos encontrarem.*

DAVI KOPENAWA

*Quebra o mastro
quebra a vela
quebra tudo
o que encontrar
quebra a dor
quebra a saudade
quebra tudo
até afundar*

ARENA CONTA ZUMBI

I

(2012)

Existem sete céus
MBYÁ-GUARANI

PRIMEIRO DIA

Quarta-feira

A lâmina desliza na mão de Lucas: frontal, parietal, occipital, temporal. O céu no espelho muda de roxo para violeta, trinetos de escravos esperam a condução da manhã, um milhão de carros na Avenida Brasil, há cem anos mangue e maré. Espelho no poste, poste na calçada, Lucas olha o crânio rapado, pensa num grafitti: *Enfrenta com força a morada terrestre.*

*

— Zaca, achei meu anjo moreno — diz Judite, em frente ao irmão.

Aos pés deles cai uma pitanga, vermelho vibrante, *um toque de ira*. Será a última do ano, mas eles não têm como saber, assim parados no jardim. Acabam de se ver por acaso, ela chegando da noite, ele começando o dia, 19 de Dezembro.

— E seu nome é Gabriel.

Vénia até ao chão. O cabelo cor de cobre de Judite, o pescoço alvo de Judite, o começo da coluna de Judite. Atlas, lembra Zaca, o primeiro osso da coluna é o atlas. O atlas de Judite até ao cóccix, vestido sem costas, Judite pode tudo, um metro e oitenta de Judite. Quando os cabelos voltam, a pitanga vem junto e ela canta:

— *Por que a Lua é branca? / Por que a terra roda? / Por que deitar agora? / Well, well, well Gabriel...*

— Ihhh... encheu a cara.

— Deixa de ser chato, Zaca, tô indo pro céu.

Céu na terra é carnaval, Judite sambando, ponta do pé no forte da música, a música na cabeça dela.

— Isso é tudo saquê? — Zaca amarra os caracóis, negros como a barba — O anjo Gabriel vai ter de tomar umas.

— Que umas o quê, o cara é imortal. Ca-ra-lho, eu vi: sou dele.

— Sabia que é quarta-feira? Quero ver você indo trabalhar.

— Ah é? — O arco das sobranceiras de Judite. — E vai ver, irmão. Sabia que eu não sou artista?

— Também te amo, irmã — Ele voa escada abaixo, bate o portão, grita: — Tem caqui na geladeira!

Caqui é dióspiro, como tomar umas é beber, encher a cara é beber demais. Língua que vai ao mar dá nisso, o narrador será transatlântico ou não será. E pitanga no cabelo, quase no quadril, Judite continua a subir:

— *Quanto é mil trilhões / vezes infinito? / Quem é Jesus Cristo? / Well, well, well Gabriel...*

Sete da manhã na selva do Cosme Velho, hora do sabiá e do bem-te-vi; do mico, do macaco, do gambá, do tucano; daquela cobra que um dia apareceu no terraço; do insecto no açúcar da jaca, da jabuticaba: cânone de zumbidos e trilados, latidos em dominó, ainda como no tempo em que além do jardim era a chácara, e Bartolomeu Souza saía com a caçula Judite no ombro, a caminho da sua biblioteca, último segredo do Rio de Janeiro:

— Vovô, por que aquele passarinho parou no ar?

— Porque ele está beijando uma flor, minha flor.

*

Ó Galeão, besta negra da Guanabara, décadas de mau serviço à classe média brasileira, segundo a classe média brasileira, e entre-

tanto a nova classe média entrou na fila. *Pequenas felicidades*, lê Tristão na revista do *Globo*, enquanto espera: *Sua mala ser a primeira na esteira do aeroporto*. Alguém deixou a revista ali, e seja o que for que faz a felicidade da classe média brasileira não está a acontecer com Inês: há uma eternidade que o avião da TAP aterrou no Galeão. É a leva da manhã, 19 de Dezembro de 2012, mais logo há outra. Nunca tantos portugueses voaram para o Rio de Janeiro como nesta segunda década do terceiro milénio em que o próprio governo de Lisboa incentivou a emigração. Há voos para Natal, Fortaleza, Recife, Salvador, Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Campinas, Porto Alegre mas o Rio de Janeiro lidera, lançado em Copa & Olimpíada. A confiança carioca parece irreversível, o oposto de Portugal no momento. E assim, descendo o Atlântico em diagonal, a geração *mais bem preparada de sempre* vem dar frutos aqui. Por exemplo, o arquitecto neto de camponês que estagiou com um Prémio Pritzker e agora desenha quarto de empregada, varanda-*gourmet* e academia, sabendo já que academia é ginásio e ginásio é liceu, e ainda à espera de contrato e de visto. Ó burocracia, besta negra da herança portuguesa.

Mas eis a franja de Inês. Franja e sorriso vermelho, preto-e-branco na câmara de Tristão. Ele abraça-a:

- Que fresca, dormiste de bânton?
- E tu de camisa branca?
- Sempre.
- Nem *t-shirt*, nem calções?
- Não existem calções no Brasil — Tristão agarra as duas malas — No máximo, *um velbo calção de banbo / o dia pra vadiar...*
- Como é possível desafinar tanto?
- Tens de saber uma coisa.
- O quê?
- Vinicius de Moraes desafinava e era amado.

— Ah, é uma estratégia — Inês recupera a mala maior. — E os calções? Como é que se diz?

— Bermuda, shortinho. *T-shirt* é camiseta, não confundir com camisola, que serve para dormir.

— Estava a pensar dormir nua.

— Ótimo, porque o ar condicionado avariou.

— Não durmo com ar condicionado.

— Aqui vais querer dormir, garanto.

Então, depois das meninas dos táxis especiais e dos enviados dos táxis amarelinhos, a porta de vidro desliza diante de Inês e ela respira os 28 graus do Rio como se tivesse passado para o outro lado do espelho:

— Não acredito que é Dezembro.

— Já compensa largares os árabes — Tristão pára na fila do táxi. — Sabes que no centro do Rio há uma zona que se chama Saara?

— Alguém me falou nisso...

— Secos & molhados, arsenal de carnaval, tudo em geral. Há cem anos eram árabes, agora não sei. É o *souk* carioca.

— Já sei. Há cem anos chamava-se Pequena Turquia. Aparece em várias cartas que li.

— Quando é que vieste do Líbano?

— Anteontem. Estive vinte e quatro horas em Lisboa, nem isso. Quase só o tempo de fazer outra mala.

— Estava muito frio em Beirute?

— Como em Lisboa. Mas na montanha neva.

— Árabes com neve, difícil imaginar.

— Isso não é pacífico.

— O quê?

— Se os libaneses são todos árabes. Alguns gostam de pensar que são fenícios.

— Eu próprio gosto de pensar que sou fenício. E olha só, o nosso condutor é praticamente um cruzado. Bom dia, tudo bom? Cruz de Malta ao peito, o taxista abre a bagageira, radiante.

— Português? Eu nasci na *terrinha*!

Encaixa as malas, bate o capô.

Inês sussurra, abrindo a porta de trás:

— Aquela cruz é o quê?

— Do Vasco da Gama.

— Como assim?

— Futebol.

Dentro do táxi está uma temperatura polar e um jogador do Vasco balança no espelho.

— O senhor é um vascaíno daqueles — começa Tristão.

— Isso aí, meu filho, eu não sou torcedor, eu sou devoto.

— Beleza. Então, a gente vai para o Humaitá. Posso só pedir que desligue o ar? A minha amiga estava sonhando com calor.

Nada é tão incompreensível para um taxista carioca. Mas em nome da *terrinha*, ele abre a janela, arranca. O vento morno dá na cara de Inês e a Europa dissipa-se.

— Dormiste no avião?

— Imenso. Entalaram-me num daqueles lugares do meio, achei melhor adormecer logo.

— Eu mal dormi, porque não se dorme no Rio de Janeiro. Se não é a obra, é o vizinho, o ônibus, o diabo.

— Mas o abraço está carioca.

— Alguma adaptação ao meio, Darwin explica.

— Darwin? Ena. Mas continuas católico e tal?

— Sabes que a gente já aceita o *big bang* e tal.

— Como é que um antropólogo acredita num só Deus? Ok, não respondas — Inês boceja. — Se calhar ainda preciso de dormir. E depois, qual é o plano?

- Vamos à praia com o Zaca?
- Esse é aquele que está a acabar um romance desde que moras no Rio?
- Mas eu nunca disse isso, ok? Pergunta-lhe antes pelos fenícios.
- Porquê?
- O bisavô dele emigrou da Síria, tipo nos anos 20. Lembra-te de eu te falar de um músico brasileiro que tinha ido viver para Damasco?
- Que conhecestes aqui.
- Exacto, o Karim. É irmão do Zaca.
- Ok, não tinha relacionado.
- O interesse do Karim por Damasco vem daí, foi conhecer a cidade do bisavô.
- Já entendi. Isso pode ser interessante. Só vou tratar de quem emigrou do Líbano, mas há muito em comum.
- Aqui nem se distingue, diz-se sírio-libanês, seja cristão ou muçulmano. Acho que o bisavô deles era muçulmano.
- E quando é que o Karim deixou a Síria?
- Não deixou. A guerra começou quando?
- Vai fazer dois anos em Março.
- Então, conheci-o faz agora dois anos. Ele voltou para Damasco na véspera do réveillon e nunca mais saiu de lá.

*

Cariocas falando com cariocas, portugueses falando com portugueses, e antes ainda de o papo se misturar valerá a pena repetir aquela frase que ficou lá atrás, talvez um pouco perdida, porque na presença de Judite tudo se perde um pouco: o narrador será transatlântico ou não será. Tem boas razões para isso, mas para já vai guardá-las.

*

Zaca atravessa o Aterro do Flamengo a correr e pára nas traseiras do palácio onde no Inverno de 1954 o presidente Getúlio Vargas deu um tiro no coração, oferecendo-se ao povo em holocausto. Qual o carioca que nunca entrou para ver o revólver com cabo de madrepeírola, o sangue no pijama, a própria bala? Pelo menos este, Zacarias Souza Farah, e não vai ser desta, assim de ténis, bermuda, camiseta suada de correr desde que bateu o portão de casa, dando um tchau à irmã ainda bêbada, já apaixonada, nada que ele não tenha visto bastante, talvez não tanto à quarta-feira.

Costuma correr na Lagoa mas hoje desceu Cosme Velho, Laranjeiras, todo o Aterro até ao Museu de Arte Moderna, porque na volta queria observar o quarteirão nos fundos do Palácio do Catete. Acordou a pensar na carta que leu ontem à noite, escrita exactamente aqui, quando ainda não existiam os prédios de doze andares, nem as doze faixas de trânsito, nem o parque de Burle Marx, nem sonho de Aterro, nem sequer o palácio. Está datada de 7 de Agosto de 1858, e o narrador que tudo vê, dentro e fora, para trás e para a frente, pode citar o trecho que Zaca tem na cabeça:

É um sítio lindíssimo, à beira-mar, três quartos de légua distante da cidade. Das minhas janelas domino toda a baía, cercada de montanhas, cheias de verdura, sobressaindo no meio delas o Pão de Açúcar, enorme rochedo, de forma quase piramidal, e tão liso que não parece trabalhado pelo picão da natureza. Todos os navios que entram ou saem passam em frente a minha casa, e, muito perto, uma porção de barcos movidos a vapor que navegam constantemente entre a cidade e os arrabaldes, conduzindo passageiros que eu posso ver, e conhecer, da minha janela, com o simples auxílio de um binóculo. As ondas vêm quebrar-se a seis ou oito passos de distância, debaixo das minhas janelas.

O idílio longe do centro onde os esgotos corriam pela rua, quase metade da população continuava escravizada, as epidemias matavam milhares e os portugueses se esmifravam para voltarem *brasileiros*, entrarem com alarde em alguma novela de Camilo Castelo Branco. Foi ele o destinatário desta carta, de resto sobranceira quanto ao gosto carioca, o que diz algo de quem a escreveu. Mas falar do remetente agora seria todo um enredo.

E o que o narrador quer, enchendo os pulmões no fresco da manhã, é soprar aterro, carros, prédios, palácio, o pijama listrado, o revólver do presidente, tudo rodopiando num rewind cósmico, até se avistarem as araras-vermelhas em Uruçu-mirim, como esta praia se chamava a 20 de Janeiro de 1567, quando os portugueses aqui exterminaram a resistência dos índios tamoios. Estácio de Sá fundara o Rio de Janeiro dois anos antes, com um punhado de homens, para fincar o domínio português. Mas a invasão colonial só aconteceu após o derrube das paliçadas de Uruçu-mirim, cento e sessenta aldeias queimadas, *tudo passado a fio de espada*, na cara do Pão de Açúcar.

Por outras palavras, Zaca tem os pés onde o mundo indígena da Guanabara conheceu o fim, e com ele um fluxo de dez mil anos, desde o interior dos sertões, constelações genéticas, mapas celestes, sonhos, falas. A parte curta da história é a dos europeus. A dos índios só não estava escrita.

*

— Bom dia, Gabriel.

— Bom dia, minha Noé.

— Animado, hem?

— Tá no morro, querida?

— Não, chegando na Lagoa.

— É verdade, tinha esquecido. Vai ficar de babá?

- Sim, pode me chamar de babaca. E você?
- Em casa, acabou que virei a noite.
- Trabalhando?
- Na verdade, não.
- Já vi tudo. Namorada?
- Nem sei mais o que isso é. Mas posso te falar o número de desaparecidos dos últimos vinte anos no Rio de Janeiro, quer ouvir?
- Como vai a parada?
- Dando ruim. Precisava de um ano e tenho seis meses, aliás, menos.
- E deu tempo de ver o vídeo, mesmo com dama-da-noite?
- Deu. Impressionante como tô velho, não conheço nenhum daqueles meninos.
- Normal, alguns são até mais novos do que eu, dezoito, dezanove anos.
- Mas tem poema com pegada boa, não é só clichê de favela.
- Que clichê de favela? O problema não é a favela, é o clichê. Clichê de favela é como clichê de amor. Vai deixar de falar de amor?
- É o que estou dizendo, tem favela *sem* clichê. Calma, querida, que é que há?
- Cara, enchi o saco desse negócio que cultura brasileira tem que sair da favela, falar de classe média, não sei quê lá. Cada um faz o seu. Eu é que não vou falar de classe média com certeza. Também se ficar de babaca nunca vou fazer o meu.
- Claro que vai, Noé, você é a dona da arca.
- Fala sério...
- Olha só, achei que podia subir o morro e te buscar, mas te encontro na Lagoa.
- Na frente dos pedalinhos.
- Valeu. Tô ligo de novo quando sair do Rebouças.

NOTA BIOGRÁFICA

ALEXANDRA LUCAS COELHO nasceu em Dezembro de 1967, em Lisboa. Estudou teatro, e comunicação na Universidade Nova. Tem carteira de jornalista desde Janeiro de 1987. Trabalhou dez anos na rádio, como repórter e editora, e entre 1998 e 2012 no jornal *Público*, tendo coberto várias zonas de conflito, sobretudo no Médio Oriente e Ásia Central, incluindo uma temporada baseada em Jerusalém. Em 2010 fez uma viagem pelo México e mudou-se como correspondente para o Rio de Janeiro, onde morou até 2014. Foram-lhe atribuídos vários prémios de jornalismo.

Publicou cinco livros de reportagem-crónica-viagem: *Oriente Próximo* (2007), *Caderno Afegão* (2009), *Viva México* (2010), *Tabrir* (2011) e *Vai, Brasil* (2013). Em 2012 lançou o seu primeiro romance, *E a Noite Roda*, vencedor do Grande Prémio de Romance e Novela APE 2012, e em 2014 o segundo, *O Meu Amante de Domingo*, que saiu em francês, pelas Éditions du Seuil. Vários dos seus livros estão publicados no Brasil.

deus-dará

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na
Eigal, Artes Gráficas em papel
Coral Book de 80 gramas,
em Outubro de 2016.

